

A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA E A V CONFERÊNCIA DO CELAM

Tereza Maria Pompéia Cavalcanti

Introdução

A V Conferência dos Bispos da América Latina é uma ocasião de se “tomar o pulso” de toda a atuação da Igreja em nosso Continente. Desde o Concílio Vaticano II, a questão do acesso à Sagrada Escritura por parte dos fiéis tem sido objeto de preocupação do episcopado. Coloca-se hoje a pergunta de como evoluiu a pastoral bíblica desde os anos pós-conciliares até esta primeira década do terceiro milênio. Pois, sendo a Bíblia uma das fontes primordiais do Cristianismo, sua leitura e interpretação são parte inerente e insubstituível da evangelização.

O próprio tema da V Conferência - “*Discípulos e Missionários de Jesus Cristo para que nEle nossos povos tenham vida*” - soa aos nossos ouvidos como uma expressão familiar, tirada do evangelho de João (Jo 1,4; 10,10). O lema explicita: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*”, citando textualmente Jo 14,6. Este fato já é um sinal de que os bispos querem fazer presente a Sagrada Escritura como linguagem e luz para a sua Conferência.



Essa sensibilidade do nosso episcopado confirma a importância da Bíblia no cotidiano da Igreja. O *Documento de Participação*, preparando a V Conferência, recorre à Sagrada Escritura ao confessar: “*Cuando el desconcierto generalizado nos hace difícil reconocer nuestra vocación y sus caminos, emerge la Palabra de Dios como una poderosa luz que orienta a los que buscan y son peregrinos (cf. Lc 1,78)*” (nº. 5). Mais adiante o documento observa que “*En la vida de incontables bautizados y, cada vez más, de un gran número de comunidades, crece el amor a la Palabra de Dios, y la Eucaristía tiene un lugar central*” (nº. 34)¹.

Tendo em vista que a maioria do povo latino-americano encontra-se nas classes populares, pergunta-se como a Igreja tem atuado no sentido de trazer a Palavra de Deus para junto dos mais pobres. Sendo assim, nesta contribuição não se pretende retomar toda a evolução da Pastoral Bíblica no Continente, mas apenas abordar a questão da *leitura popular da Bíblia* nas últimas décadas. Levando-se em conta ainda que, dentre as maiores contribuições para aproximar a Bíblia do povo pobre destaca-se a de Frei Carlos Mesters. Vamos nos debruçar sobre a metodologia por ele proposta, à qual se somou a contribuição de outros/as que também se colocaram na perspectiva bíblico-pastoral. Ao final levantamos alguns pontos sobre a realidade mais recente, com seus desafios para a Pastoral Bíblica no meio popular.

1. Contextualizando

Nos quinhentos anos de história da Igreja em nosso Continente, o contato mais direto dos leigos católicos com a Sagrada Escritura começa a partir da década de 1960, sob o impulso do Concílio Vaticano II. A leitura popular da Bíblia se desenvolve mais especialmente a partir dos anos 70, paralelamente ao surgimento das Comunidades Eclesiais de Base². No início, tratava-se sim-

¹ O documento, publicado por várias editoras, pode ser acessado nos sites do CELAM e da CNBB.

² O teólogo Faustino TEIXEIRA estuda a gênese e as bases teológicas das CEBs e

plesmente das leituras de cada domingo na liturgia que substituía a eucaristia, lá onde o padre não podia comparecer. Pouco a pouco as pessoas começaram a se reunir para comentar os textos e ver como eles podiam iluminar a vida cotidiana. Assim nasceram os primeiros círculos bíblicos. Depois eles passaram a se articular nas paróquias e dioceses, independentemente das liturgias dominicais, pelo simples desejo das pessoas de conhecer e entender melhor a Bíblia³. Essa iniciativa se espalhou rapidamente nas diversas regiões do Brasil e da América Latina, sempre tentando encontrar as relações entre a vida e a “Palavra de Deus”⁴. Surgiu então um interesse crescente pela Bíblia, e muitos textos começaram a ser lidos e comentados pelo povo mais pobre, com a ajuda de agentes de pastoral preparados para isso⁵.

Portanto, o acesso à experiência de fé registrada na Bíblia é feito através da leitura de textos da Escritura, seja nas eucaristias dominicais, seja no ambiente das celebrações, em círculos bíblicos nas casas, ou em cursos bíblicos populares. Esses leitores e leitoras da Sagrada Escritura apresentam um grande amor à Igreja e, ao mesmo tempo, buscam superar a situação de sofrimento em que vivem, através da força que encontram na Palavra de Deus. Quando esse sujeito da leitura bíblica se torna mais consciente, busca também, com muito empenho, uma transformação da sociedade na perspectiva de uma maior coerência evangélica.

ressalta a leitura bíblica como um dos seus fatores fundamentais. Ver *A fé na vida*, ed. Loyola, 1987. Ver também, do mesmo autor, *Comunidades Eclesiais de Base. Bases Teológicas*. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 134-135.

³ Muitas vezes tal interesse vem do desafio de responder às interpelações e interpretações dos “crentes” de Igrejas Evangélicas. Os católicos são questionados por não conhecerem a Bíblia, enquanto os evangélicos a citam muitas vezes de cor...

⁴ Ver MESTERS, C., “A brisa leve, uma nova leitura da Bíblia”, em: *Flor sem Defesa*, Petrópolis, Vozes, 1983, p. 40-86.

⁵ Dom Paulo Evaristo Arns, em seu livro *Da Utopia à Esperança. Testemunho de uma vida*, Rio de Janeiro, Sextante, 2001, mostra com grande clareza como fazia parte de seu plano pastoral a formação de “ministros da Palavra”, com a incumbência de “formar pequenos grupos que pudessem reunir-se ao menos uma vez por semana para assumir a Bíblia como programa de vida” (p. 171). Muitos outros bispos tomaram a mesma iniciativa.

Em todo o esforço de tornar a Bíblia mais próxima das classes populares, o frade carmelita Carlos Mesters surge como um autor original e criativo, tentando elaborar, junto com o povo das comunidades pobres e crentes, um método que corresponda às suas aspirações. Muitos outros autores e autoras, de diversas denominações cristãs, se juntaram nessa mesma tarefa, tornando a Palavra de Deus mais próxima do povo. De tal modo que hoje se vê crescer em toda parte o interesse pela Sagrada Escritura, tanto nos meios populares como na classe média e no público mais culto. Pode-se perguntar em que consiste a originalidade e especificidade do método de Carlos Mesters, a fim de esclarecer o que há de novo e de antigo, de ousado e de tradicional em sua proposta.

2. Carlos Mesters e sua proposta

Dentre as últimas publicações na área de Pastoral Bíblica, encontra-se um livrinho – uma espécie de cartilha – propondo círculos bíblicos em preparação à V Conferência, de autoria de Carlos Mesters e Francisco Orofino⁶. O texto situa o objetivo: “*Esta Conferência nos oferece uma oportunidade única de aprofundar nossos compromissos batismais, nosso encontro com Jesus, nossa caminhada de comunidade, nossa opção pelos mais pobres*”⁷. Com essa intenção são propostos 10 círculos bíblicos centrados na mensagem e atitude de Jesus.

Do mesmo modo que nesta preparação à V Conferência, todas as iniciativas e os acontecimentos de interesse da Igreja na América Latina – conferências episcopais, planos e projetos pastorais, campanhas da fraternidade, comemoração de datas (500 anos de evangelização, terceiro milênio), mês da Bíblia, campanhas de cidadania, etc. - têm recebido por parte de Mesters uma contribuição, seja em material didático, seja em reflexões, comentários

⁶ *Seguir Jesus*. “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”. *Dez Círculos Bíblicos. Preparando-nos para o V CELAM*. São Leopoldo, CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), 2006.

⁷ *Idem*, p. 2.

bíblicos, vídeos, cursos, encontros, etc.. A nota comum em toda essa obra é a preocupação com o mais pobre, a mais excluída, os mais fracos, as mais desprezadas... Pois estes é que foram o objeto privilegiado da pregação e do serviço de Jesus.

Mas quem é Carlos Mesters? Como chegou a ser esse autor ao mesmo tempo desconhecido por muitos e tão procurado por um público constante de leitores/as com ele identificados?

2.1. Apresentação do autor

Carlos Mesters nasceu no dia 20 de outubro de 1931, em um povoado da Holanda, com cerca de três mil habitantes. Carlos era o quinto filho de uma família de sete irmãos⁸. Viveu sua infância no ambiente do campo e parece que nunca deixou de ser um camponês: “*Nasci numa roça, longe daqui. Saí da roça, mas a roça não saiu de mim*”⁹. Em Janeiro de 1949, aos 17 anos, veio para o Brasil com os frades carmelitas e entrou para a Ordem em 1951¹⁰.

Cursou três anos de Filosofia no Brasil, licenciou-se em Teologia em Roma e recebeu a ordenação sacerdotal em 1957. Estudou um ano no Pontifício Instituto Comissão Bíblico e mais dois anos na *École Biblique*, em Jerusalém. Em 1963 defendeu seu Doutorado em Sagrada Escritura, com uma tese sobre “*O tema do Êxodo na composição do Apocalipse*”. Voltando ao Brasil, foi professor de Sagrada Escritura, porém sua preocupação principal desde o

⁸ Agradecemos as informações que o autor nos confiou pessoalmente, sobre sua biografia. Ver CAVALCANTI, Tereza. *O Método de Leitura Popular da Bíblia na América Latina*. A contribuição de Carlos Mesters. Tese de Doutorado em Teologia pela PUC do Rio de Janeiro, 1991.

⁹ Isto foi escrito em 1974, quando o autor tinha 43 anos. Ver *Por trás das palavras*, Petrópolis, Vozes, 1974, p.26. Pouco depois, ele escrevia: “*Quando meu pai era menino, a situação de lá (seu povoado) não era boa. Atacaram o setor econômico e tudo melhorou. Hoje, lá não existem mais pobres. Todos aí têm tudo que querem na vida, mas não têm a vida que querem! Vivem insatisfeitos e não sabem o que está faltando...*” *Seis dias nos porões da humanidade*, Petrópolis, Vozes, 1977.

¹⁰ A ramificação da Ordem a que Mesters pertence obedece à chamada “Antiga Observância”, dos carmelitas “calçados” (por oposição aos “descalços”).

início estava em sintonia com o que recomenda a *Dei Verbum*, quando afirma que “a Palavra de Deus deve estar sempre ao dispor de todos e de todos os tempos” (nº. 22). A esta preocupação juntou uma outra, que vem da *Gaudium et Spes* : « As alegrias e esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo »¹¹.

Por isso, a partir de 1969 Mesters estabelece contatos com comunidades pobres do Nordeste, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e outros estados. Durante dez anos visitou regularmente Crateús, no interior do Ceará, a convite de D. Antônio Fragoso, sendo que em 1975 passou seis meses nessa região¹². Desde o início da formação das Comunidades Eclesiais de Base, o autor acompanha esse “novo jeito de ser Igreja”, participando dos Encontros Intereclesiais e publicando artigos em que reflete sobre as CEBs, e especialmente sobre o modo como nelas se lê a Bíblia.

De 1977 a 1984, foi mestre de noviços no Carmelo de Angra dos Reis (RJ). Ali fundou, em 1978, juntamente com uma equipe ecumênica¹³, o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI. O objetivo era “*explicitar, articular, dinamizar e sistematizar uma leitura que já estava sendo feita pelo povo nas comunidades de fé. É a fé do povo que faz acolher a Bíblia como aquilo que ela realmente é: Palavra de Deus*”¹⁴. Para isso, o CEBI promove encontros, cursos, publicações e divulgação de subsídios destinados à

¹¹ GS n. 1. Grifo nosso.

¹² A identificação de Mesters com os nordestinos deixou marcas no seu sotaque e na sua linguagem.

¹³ Os outros membros da equipe que organizou o CEBI eram: Jether Pereira Ramalho, Frei Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto), Pe. Orestes Stragliotto, Rev. Correia da Cunha. Do Conselho Diretor faziam parte os bispos católicos D. Waldir Calheiros de Novais, D. Luiz Gonzaga Fernandes e D. Vital Wilderink, o bispo metodista Revdo. Paulo Ayres, um superior religioso e dois pastores. No trabalho do dia-a-dia, Mesters se uniu ao Pastor Iranildes Estácio Dutra, Primeiro Secretário Executivo do CEBI. Cf. Boletim *Por trás da Palavra*, nº 44, ano 8, 1988, p.21s

¹⁴ *O caminho por onde caminhamos*. Reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia. Série *A Palavra na Vida*, nº. 222, São Leopoldo, CEBI, 2006, p. 5.

pastoral bíblica, buscando ao mesmo tempo o aprofundamento do método exegético a partir dos pobres.

O CEBI e a pastoral bíblica têm sido o espaço de trabalho que mais ocupa Carlos Mesters, de 1978 até hoje, com poucas interrupções para estudos ou trabalhos para a Ordem dos Carmelitas¹⁵. A partir de 1990, a preocupação de Mesters tem se voltado mais para os desafios novos que se colocam para a Igreja, e especialmente para o método de leitura da Bíblia junto aos pobres, que estão mudando de perfil¹⁶.

2.2. A obra de Carlos Mesters

Desde 1969, Mesters tem publicado uma obra extensa, seja como autor único, seja em colaboração com outros. Vários de seus livros e artigos foram traduzidos e publicados em espanhol, francês, inglês, alemão, italiano, holandês... Mesters e sua obra têm sido tema de estudos, teses e publicações por parte de outros autores, de diferentes países. Pode-se distinguir em suas publicações os textos de caráter propriamente metodológico¹⁷, as reflexões¹⁸ e os comentários ou subsídios (roteiros de círculos bíblicos) para a leitura e interpretação de textos da Bíblia. Estes últimos constituem a maior parte de sua obra.

Em 1986, a pedido do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), a Conferência Latino-Americana de Religiosos (CLAR) buscou uma

¹⁵ Nos últimos 5 anos, eleito para um cargo de direção na Ordem do Carmo, tem passado mais tempo no estrangeiro.

¹⁶ Cf. *Meninos e meninas. Sobre a mística que anima a defesa da vida da criança na história do Povo de Deus*. Série *A Palavra na Vida* n. 162. São Leopoldo, CEBI, 2001.

¹⁷ Os livros mais conhecidos nessa categoria são: *Por trás das Palavras*, Petrópolis, Vozes, 1974; e *Flor sem defesa*, Petrópolis, Vozes, 1983.

¹⁸ Por exemplo, *Seis dias nos porões da humanidade*. Petrópolis, Vozes, 1977. Há também artigos em revistas, por exemplo, “A leitura da Bíblia em algumas comunidades de base no Brasil”, em *Concilium* 158, 1980/8, p. 51-58; “O profeta Elias. Inspiração para hoje” em *REB*, vol. 30, fasc. 119, 1970, p. 590-617.

iniciativa que proporcionasse a formação bíblica dos religiosos e religiosas, como forma de celebrar os 500 anos de evangelização do Continente. Foi então que se pensou num projeto de leitura global da Bíblia, inspirado na *Lectio Divina*¹⁹, e adaptado à realidade dos nossos povos. Propunha-se assim um programa de leitura da Bíblia a ser aplicado pelos religiosos no espaço de cinco anos. Mesters se empenhou vivamente nesse trabalho, integrando-se numa equipe de religiosos biblistas, que apresentaram o “Projeto Palavra-Vida”, em 1988.

Embora esse projeto tenha sido aprovado em Assembléia Geral da CLAR em junho de 1988, recebeu algumas críticas por parte do CELAM²⁰ e foi reformulado, saindo o primeiro volume em 1990, sobre *A Leitura Orante da Bíblia*. O nome da coleção passou a ser “Tua Palavra é Vida”²¹.

Nos últimos anos, Mesters vem escrevendo em parceria com outros, como Mercedes Lopes e Francisco Orofino. Diante de toda essa produção, pode-se perguntar sobre o itinerário feito pelo autor na elaboração de um método de leitura popular da Bíblia.

2.3. O itinerário na elaboração do método

Os primeiros passos foram dados no final da década de 1960. Vejamos como evoluiu o pensamento e o trabalho de Mesters ao longo dos anos 1970 – 1990.

- a) Partindo de uma pergunta sobre o modo como a Bíblia vinha sendo apresentada ao povo em geral, Mesters foi formulando um diagnóstico

¹⁹ Método de leitura da Bíblia, usado nas ordens religiosas, como forma de oração e meditação da Palavra de Deus.

²⁰ Cf. *Nota de la Congregación para los Institutos de Vida Consagrada y para las sociedades de Vida Apostólica referente al Proyecto “Palabra-Vida”*, de 3 de abril de 1989. Anexo 3 do Comunicado do CELAM à CLAR, em 25/04/89. (A fim de desfazer mal-entendidos, Mesters redigiu um artigo intitulado “O Projeto ‘Palavra-Vida’ e a leitura fiel da Bíblia de acordo com a Tradição e o Magistério da Igreja” in REB, vol. 49, fasc. 195, set 1989, p.661-673).

²¹ A publicação é da CRB, em parceria com a Loyola.

sobre a falta de adequação entre a proposta dos representantes e agentes da Igreja e a mentalidade religiosa popular²². Os métodos pastorais, particularmente no campo da explicação da Bíblia, não estavam respondendo à “fome de Deus” do povo, de modo especial o povo mais oprimido e marginalizado. De fato, ele observou que, logo após o Concílio, muitos cursos bíblicos começaram a ser oferecidos ao povo, mas numa perspectiva “racionalista”, por exemplo, com o recurso à “demitização”, ao método histórico-crítico, etc. Aparentemente a iniciativa não deu certo, porque os agentes de pastoral se colocavam numa atitude de superioridade diante do povo, considerado ignorante e atrasado. Não havia respeito pelo saber dos “pequenos”, sua cultura, sua fé revestida de símbolos e expressões/devoções populares. Portanto, não havia a comunicação necessária para que o contato com a Palavra de Deus se fizesse a partir da palavra humana. Mesters usa duas comparações para ilustrar esse desencontro entre a fé do povo e a proposta de “ensinar” a Bíblia e a doutrina a partir de cima:

- A imagem da peruca: *“Hoje, por exemplo, há muitas idéias e modelos novos que se propõem, sem raiz no passado do povo. (...) Um dia, tais idéias acabarão revelando o seu vazio e a sua falta de consistência para esta nossa realidade. São como peruca. Peruca nunca se transforma em cabelo”*²³.
- E a imagem da cegonha: *“O agente de pastoral não é cegonha, mas é parteiro. A cegonha traz a criança prontinha, enquanto o parteiro não traz nada pronto, mas faz nascer o que já existe em gestação dentro do povo”*²⁴.

²² Esse questionamento está expresso no livro *Por trás das Palavras* e numa série de artigos publicados no SEDOC e depois reunidos no livro *Flor sem defesa* (onde se sente a falta de uma contextualização de cada artigo). Também aparecem interessantes observações em *Seis dias nos porões da humanidade* (Vozes, 1977), uma pequena obra prima de espiritualidade.

²³ *Por trás das palavras*. Vozes, 1974, p. 118.

²⁴ *Flor sem defesa*. Vozes, 1983, p. 166. Pensamos que, se o ator estivesse escrevendo

- b) Uma vez feito o diagnóstico, Mesters passou a escutar e observar atentamente esse povo com suas características e contribuições. Em 1979, o Documento de Puebla ressalta que “*o compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a a conversão, e porque muitos deles realizam em sua vida os valores evangélicos de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus*” (nº. 1147). Esse potencial evangelizador é que foi a grande descoberta e ao mesmo tempo o corajoso investimento de Mesters. De fato, na ótica da Igreja Católica, a raiz da mística popular não é “pura”. Vem misturada de religiosidade ingênua e supersticiosa, da mentalidade comercial e “contratual” das promessas, da necessidade de resolver problemas concretos e urgentes como a fome, a doença, o desemprego, a seca... Mas, para além de tudo isto, Mesters observa que há uma profunda relação dos pobres com o “Sagrado” e uma disposição de despojar-se de tudo para oferecê-lo a Deus ou a seus representantes (autoridade religiosa)²⁵.

Por outro lado, ao aproximar-se dos pobres, Mesters constatou que a fé transmitida pela tradição eclesial desde o início da colonização em nosso continente, essa fé – apesar de suas ambigüidades²⁶ – permaneceu, em alguns meios, intacta naquilo que ela tem de mais profundamente

hoje, não diria “parteiro”, mas sim “parteira”.

²⁵ O autor se refere a essa atitude em seu diário de viagem a uma comunidade muito pobre do sertão, diário que foi publicado no livro *Seis dias nos porões da humanidade*, Petrópolis, Vozes, 1977.

²⁶ Refiro-me aos compromissos que a Igreja assumiu com o Estado colonial e imperial nos séculos XVI a XIX, aceitando inclusive a mentalidade das cruzadas e o sistema da escravidão, contrário ao Evangelho. *Puebla* se refere a isto quando fala das “vicissitudes históricas” da evangelização (nº. 6). O Documento de Participação em vista da V Conferência do CELAM também retoma este ponto (cf. nº. 25) e a *Síntese das Contribuições da Igreja do Brasil à V Conferência* fala nas “contradições do processo de Evangelização” (nº. 3.2).

evangélico. Se houve falhas de comunicação entre os portadores oficiais da Palavra de Deus e os humildes destinatários dessa mesma Palavra, no entanto algo de extraordinário aconteceu: pois a comunicação entre os pobres e o Espírito Santo – ao que tudo indica – não foi interrompida; ao contrário, permaneceu viva e admiravelmente fiel a mais pura fé e tradição bíblica e eclesial. Tal fidelidade passou a representar, então, um desafio e um questionamento aos métodos de leitura e interpretação da Bíblia junto ao povo. Segundo Mesters, os pobres mostraram que têm caminhos próprios - ainda desconhecidos e misteriosos para nós, “letrados”, - de acesso à Palavra de Deus e de comunicação com o Espírito Santo²⁷.

- c) Diante dessa constatação – e não se trata de uma constatação cientificamente comprovável, mas de uma verificação na experiência de vida e na fé – Mesters partiu para uma atitude de aprendiz. Fez-se “aluno da realidade” e “discípulo dos pobres”, do mesmo modo como antes aprendera a se fazer aluno dos bancos acadêmicos e discípulo da Bíblia e da Igreja. Não que tenha rejeitado todo o saber acadêmico que durante décadas adquiriu nos estudos exegéticos e teológicos; mas, deixando esse saber ocupar seu devido espaço, abriu-se para um novo saber e um novo espaço, pois uma diferença fundamental entre a leitura dos exegetas e aquela do povo pobre e crente é que ninguém morre para defender o sentido literal dos textos bíblicos, mas “*muita gente está sofrendo e apanhando para defender o sentido que eles mesmos descobriram para a sua vida dentro da letra da Bíblia*”²⁸. Por isso, Mesters procurou “passar pela porta do povo” que, assim como a porta dos especialistas, conduz e chega à mesma fonte²⁹.

²⁷ *Flor sem defesa*, p. 89. Ver também, de nossa autoria, *A lógica do amor*, São Paulo, Paulinas, 1986, cap. 4 e 5.

²⁸ *Idem*, p.110.

²⁹ Ver *Por trás das Palavras*, op. cit., 1º. Capítulo: “A parábola da porta”.

Uma tal opção exige renunciar a uma posição de poder e segurança, despojar-se da convicção de um saber sólido e bem estruturado, dispensar os apoios da razão e da Instituição, e até mesmo de uma fé “tranquila e inabalável”, para finalmente se deixar fecundar pela novidade do Espírito. Em outras palavras, a opção pelos pobres, numa perspectiva radicalmente evangélica, exige, do sujeito que assim decidiu, uma postura ao mesmo tempo de contemplação gratuita e de questionamento profético.

- d) Partindo então para o aprendizado no contato direto com o povo, Mesters encontrou uma novidade na maneira como os pobres lêem a Bíblia: trata-se da simplicidade com que eles fazem a *ligação entre a Bíblia e a própria vida*. Essa característica estava presente na leitura que os Padres da Igreja faziam nos primeiros séculos do Cristianismo, unindo vida e fé, Antigo Testamento e Novo Testamento, letra e Espírito³⁰. As pessoas humildes não lêem a Escritura para aumentar seus conhecimentos, mas para colocar em prática, na sua vida concreta, a Palavra de Deus. Esta ligação resulta da *visão unitária* que faz parte do mundo cultural do povo simples - um mundo que ficou à margem das distinções, classificações e dualismos da modernidade, que repercutiram fortemente tanto na ciência exegética como na teologia, na forma de organização da Igreja e em seus métodos pastorais³¹.

De fato, aqueles/as que ficaram à margem da história e da sociedade perderam quase todo o contato com a “letra” da Bíblia, do Dogma e da Moral, mas não perderam o vínculo com o Espírito que gerou a Bíblia, inspirou o Dogma e conduz a Moral. Portanto, num momento em que a Igreja, e especialmente a pastoral bíblica, corria o risco de afundar-se na “letra” para responder aos ataques da modernidade, Mesters “matriculava-se na universidade dos pobres” para reiniciar o longo aprendizado

³⁰ Cf. *O caminho por onde caminhamos*, p. 24-25.

³¹ Sobre este tema ver MESTERES, C., “O futuro de nosso passado”, em SEDOC 7, 1975, col. 1133-1191.

- dos caminhos do Espírito. E ali redescobriu a unidade e universalidade da Salvação, pregadas pelo Concílio Vaticano II.
- e) No mesmo itinerário emerge outra grande - e antiga - novidade da leitura popular da Bíblia: ela é essencialmente *comunitária*. A Bíblia foi escrita por muitos e, por trás de cada autor, é toda uma comunidade que fala. Portanto, o leitor da Bíblia também deve ser um sujeito comunitário, uma comunidade reunida em torno da Palavra de Deus e onde cada um está ligado aos demais pelos laços de uma mesma fé. Assim, o pequeno grupo que hoje lê a Bíblia em equipe de base está profundamente unido tanto ao Povo de Deus do passado, que registrou sua história na Sagrada Escritura, como à Igreja que prolonga essa mesma história no mundo de hoje. A comunidade de fé é o contexto adequado onde se dá a ligação entre vida e Bíblia. Como o solo revolvido pelo arado, a pequena comunidade, sacudida e trabalhada pelas dificuldades, alegrias e sofrimentos de cada dia, e regada pela oração, torna-se a terra fértil e propícia para a sementeira da Palavra.
- f) Não basta, porém, descobrir a novidade da leitura popular da Bíblia. É preciso aprender com o povo, saber quais as “regras” do seu método de interpretação, se é que se pode falar em “regras” quando se trata do saber popular, que é essencialmente intuitivo... Mesters faz esse esforço. Procura através do caminho mais acessível: busca penetrar no código de linguagem do povo. Para chegar no “por trás” das palavras, temos que passar antes pelas próprias palavras, pelo modo de expressão popular que, ao contrário do discurso lógico da ciência, não é direto nem claro à primeira vista. Fala por imagens, comparações, silêncios, ironias e sugestões... Aquilo que é o mais importante pode ficar nas entrelinhas, no *não dito*. Aquilo que é exposto pode ocultar um grito abafado, um desejo imenso e reprimido. Mas de repente explodem cantos, dramatizações, poemas e celebrações. Tudo se passa de maneira muito semelhante ao que ocorre na Bíblia. E Mesters se alegra com isto assim como Jesus se alegrou com a sabedoria dos pequenos (Lc 10,21; Mt

- 11,25). Alegria contagiante que ele recebe dos pobres e a eles devolve, com uma piscadela de olhos...
- g)** Por outro lado, é preciso voltar para o instrumental científico e para o método histórico-crítico que permite o acesso ao sentido literal e original do texto bíblico. É necessário tornar a abrir a “porta” dos exegetas acadêmicos que desvendam o “por trás das palavras” daquele tempo, quando foram escritas e, mais ainda, quando foram vividas, antes de serem registradas em textos. Pois muitas vezes a leitura popular encontra dificuldades no texto ou arrisca-se a fazer justaposições indevidas entre a Bíblia e a realidade de hoje³². O pobre que interpreta também está sujeito a ideologizações, conclusões apressadas, incertezas e ambivalências que os mais preparados podem sanar³³. Esta volta à exegese científica, porém, já vem carregada de outros “olhos”. Já vem munida de outro tipo de “mirada”, que reconhece à ciência o seu lugar e sua contribuição própria, mas seus limites também: *“Não se trata de deixar de lado as conquistas da exegese científica, nem de consagrar como certa e infalível qualquer explicação que o Povo faz da Bíblia!... Trata-se de ocuparmos o lugar certo, de onde a Palavra de Deus quer e deve ser lida e interpretada. (...) O dom que o Pai concede aos ‘pequenos’ não compete com a ciência dos ‘sábios e doutores’ mas tira a ciência de sua pretensa neutralidade e lhe dá um novo suporte e um novo destino”*³⁴.
- h)** Ao mesmo tempo, na elaboração do método de leitura popular da Bíblia, há uma volta a toda a Tradição da Igreja e às normas do Magistério, nestes vinte séculos de leitura bíblica a serviço dos fiéis. Muito têm contribuído os últimos documentos pontifícios, desde as encíclicas *Providentissimus Deus*, de Leão XIII, *Spiritus Paraclitus* de Bento XV e *Divino Afflante Spiritu*, de Pio XII, até a Constituição Dogmática *Dei*

³² É o que Clodovis BOFF chama “biscateação hermenêutica”. Cf. *Teologia e prática*. Petrópolis, Vozes, 1978, p. 245-246.

³³ Cf. *Flor sem defesa*, p. 136, 153, 156-158, etc.

³⁴ *Flor sem defesa*, p. 49.

Verbum do Concílio Vaticano II e o documento *Sobre a interpretação da Bíblia na Igreja*, da Pontifícia Comissão Bíblica. Tal orientação da autoridade eclesiástica tem possibilitado aprofundar os estudos bíblicos diante do desenvolvimento dos métodos científicos e hermenêuticos, sem perder o rumo da fé. Mesters confirma que “a fidelidade à Igreja, à Tradição e ao Magistério é tão importante para a interpretação da Bíblia quanto à raiz para a árvore. Sem ela, a árvore morre”³⁵, pois ficaria faltando o solo da fé, o suporte da comunidade que coloca em prática o projeto de Jesus.

No entanto, essa fidelidade não é servil, nem é apenas repetidora de fórmulas cristalizadas do passado. É a fidelidade consciente, adulta e livre dos que se sentem filhos/as da promessa e herdeiros/as da Boa Nova. É o que se pode notar no depoimento de Dona Sinhá, líder de CEBs em Minas Gerais: “Quando descobri que eu podia pegar a Bíblia, que eu podia ler a Bíblia, que eu podia interpretar o que Jesus veio ensinar, e que eu podia aprender um pouco daquilo que Ele ensinou - e botar isso na vida - aí eu senti: eu sou comunidade! Eu sou filha de Deus! Eu sou capaz!”³⁶. Aqui se percebe a mudança na mentalidade dos pobres a partir da descoberta de que a Bíblia lhes é acessível e de que eles podem ser protagonistas na vivência do Evangelho.

- i) O objetivo do método fica então claro. Ele está em continuidade com o objetivo último da Bíblia que é revelar o “Deus-Conosco” presente na história e no meio de seu povo. Um Deus que, em Jesus Cristo, veio “habitar entre nós” (cf. Jo 1,14) e trouxe a “Vida em abundância” (Jo 10,10). Esta é a finalidade. Tudo deve ser então relido e colocado sob um juízo, um discernimento: os fins não justificam os meios, mas *criticam* os meios. A pastoral, a ciência exegética, a teologia, o Magistério, as Instituições da Igreja, a própria V Conferência e tudo mais são meios e devem estar a serviço daquele objetivo. O método nada mais é do que um

³⁵ *A Bíblia na nova evangelização*. Cadernos da CRB, 5, 1990, p. 41.

³⁶ Depoimento gravado no Vídeo do XI Encontro Intereclesial de CEBs, em julho de 2005. Verbo Filmes.



caminho. “*O objetivo principal da leitura não é conhecer e interpretar a Bíblia, mas sim interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. Descobrir onde e como Deus fala pela vida. Este objetivo modifica a maneira de usar a Bíblia e deverá ter uma influência determinante sobre o método que usamos junto ao povo das comunidades na interpretação da Bíblia*”³⁷.

Em suma, a originalidade da proposta de Mesters consiste na SÍNTESE entre a contribuição da ciência, a orientação secular da Igreja e a novidade hermenêutica gerada no meio dos pobres e oprimidos de hoje. Tal síntese pode ser percebida no modo como foi sistematizada a questão da leitura popular da Bíblia.

2.4. Sistematização e descrição do método de leitura popular da Bíblia

Ao tentar uma sistematização de seu pensamento, já em 1974 Mesters publica seu primeiro livro enfocando o método de leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres³⁸. Nele o autor formula o tema a partir da tensão entre dois pólos: *Bíblia e vida; sentido literal e sentido espiritual; Antigo Testamento e Novo Testamento; história e símbolo*, e assim por diante. Alguns anos mais tarde (1976), no artigo “Flor sem defesa”³⁹, ele introduz um terceiro pólo na dinâmica da interpretação bíblica, desdobrando o pólo da *vida* em dois aspectos: a *comunidade de fé* e a *realidade*. É nessa ocasião que é formulada a teoria do triângulo hermenêutico.

2.4.1. Os três ângulos da interpretação

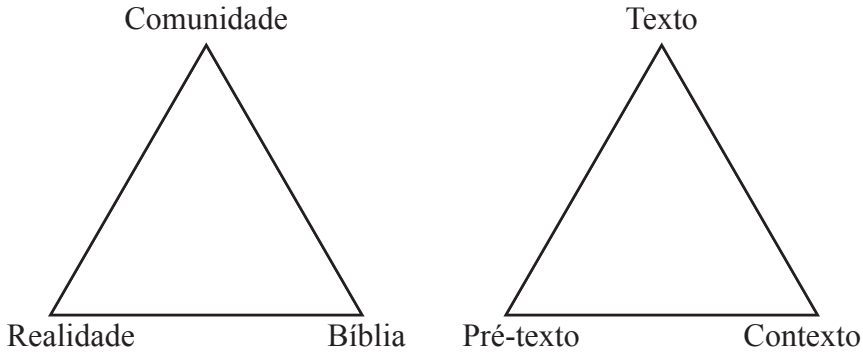
Mesters coloca em um triângulo os três aspectos que devem estar presentes na abordagem da Bíblia quando se faz a leitura popular. Esse

³⁷ MESTERS, C., *O caminho por onde caminhamos*. Reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia. CEBI, Série *A Palavra na Vida*, n. 222, p. 11.

³⁸ *Por trás das palavras*. Petrópolis, Vozes, 1974.

³⁹ É o artigo que foi publicado em *SEDOC* 9, out. 1976, col.325-392 e que deu nome posteriormente a um livro.

triângulo pode variar na posição dos ângulos e no uso de categorias, como se vê abaixo:



O autor faz notar que o *pré-texto* (realidade) e o *contexto* (comunidade de fé) determinam o “lugar” de onde se lê e interpreta o texto ⁴⁰. Desse lugar é que surge o “novo olhar” com que o povo lê a Bíblia hoje na América Latina. O novo sujeito hermenêutico são as pequenas comunidades de fé, que lêem a Bíblia buscando uma resposta para sua vida onde o sofrimento é cotidiano. Elas constituem o que ele chama de “contexto” onde a Bíblia é lida de tal maneira que faz soar a mensagem do Espírito para a Igreja de hoje.

O que caracteriza esse lugar hermenêutico? O que faz com que sua interpretação seja nova em relação a outras? O exegeta L. Alonso SCHÖKEL se surpreende com o fato de que o comentário de Mesters ao livro de Rute⁴¹ tenha surgido de trabalho em grupos e seja profundamente inserido na vida dos leitores: “*Rute reflete e expressa a vida de uma comunidade e pode influir na vida de uma comunidade*”⁴². Em sua recensão do comentário de Mesters, Schökel conclui: “*Pois bem, depois de haver lido muitas vezes o texto bíblico,*

⁴⁰ Cf. *Flor sem defesa*, p. 42.

⁴¹ Cf. *Rute*. Coleção *Comentário Bíblico*. Petrópolis, Vozes, em co-edição com Imprensa Metodista e Editora Sinodal, 1986.

⁴² “Exégesis y hermenêutica en Brasil”, em *Comentarii Periodici Pontifici Instituti Biblici*, BIBLICA, vol. 68 (1987) p. 404.

*de tê-lo traduzido e comentado e explicado em aula, ainda li com interesse e aprendi não pouco no breve comentário do brasileiro*⁴³.

O que teria aprendido o renomado exegeta ao ler o comentário do “brasileiro”? Certamente nada do que a exegese científica pudesse informar. Mas sim aquilo que o “*contexto vital*” dos leitores de hoje acrescentou ao sentido histórico-literário e à hermenêutica já conhecida do texto. Ora, esse contexto vital são as nossas comunidades, que vivem a mística contemplativa e profética dentro de uma realidade de pobreza e conflito.

De fato, o sujeito que lê a Escritura, qualquer que seja o seu lugar social, tende a projetar sobre o texto não só a luz da fé, mas também aquela que vem da realidade onde está inserido. Pois os intérpretes não são seres a-históricos⁴⁴; sua leitura é condicionada por uma espécie de pré-compreensão, que surge do seu contexto vital⁴⁵. Aqui se trata do contexto de pobreza e luta, conflito e esperança que caracteriza o sujeito hermenêutico ora abordado.

A situação de pobreza e luta pela vida, que caracteriza as comunidades pobres e crentes, faz com que elas se “reconheçam” em certos episódios e personagens bíblicos, tornando desta maneira o texto do passado algo vivo e interpelador ou estimulante no presente. De fato, a Bíblia conta a história de um povo que “*foi humilhado e oprimido durante séculos e continua sendo... Os pobres do mundo inteiro estão descobrindo que a história desse povo é a sua própria história, a história de suas esperanças e frustrações, a história de sua tenacidade e perseverança*”⁴⁶. Assim, a leitura do livro de Rute, feita hoje no contexto de abandono, fome, migrações e desarticulação do tecido familiar e social, trouxe uma luz nova sobre essa história do passado e sobre sua mensagem.

⁴³ Idem, p. 405.

⁴⁴ SHCWANTES, M., “Caminhos da teologia bíblica”, em *Estudos Bíblicos*, n. 24, p.11. Ver também o estudo sobre a relação entre o lugar social e lugar espistêmico, em BOFF, Clodovis. *Teologia e prática. Teologia do Político e suas mediações*. Petrópolis, Vozes, 1978, p.290-295.

⁴⁵ Cf. CROATTO, Severino. *Hermenêutica Bíblica*, São Paulo, Paulinas, 1986, p. 9. Ver também COMBLIN, J., *Introdução geral ao Comentário Bíblico*. Leitura da Bíblia na perspectiva dos pobres. Petrópolis, Vozes, 1985, p.11s.

⁴⁶ COMBLIN, J., *Introdução geral ao Comentário Bíblico*. p. 8.

Outro exegeta conhecido, Milton Schwantes, observa: “*Os empobrecidos já estão sendo hermenêutas, explicitadores dos conteúdos bíblicos. Esta presença dos pobres como intérpretes é uma das marcas decisivas, inovadoras e mais promissoras da leitura bíblica latino-americana*”⁴⁷. E é daí que Mesters retira o material vivo de seus comentários, trabalhando-o e aprofundando seu significado.

O método iniciado por Carlos Mesters recebeu a contribuição de muitos outros e outras, de várias denominações cristãs, sensíveis à mesma problemática. Hoje trata-se da metodologia usada pelo CEBI. Assim vai surgindo um jeito de ler a Bíblia não *para* os pobres, mas *com* os pobres e *a partir* deles. Um método que nunca fica totalmente acabado, mas vai sendo sempre renovado, aperfeiçoado, criticado a partir da prática. Assim, à leitura bíblica vêm se somar outras iniciativas, como o *Ofício Divino das Comunidades*, uma tentativa de fazer chegar ao povo das periferias as riquezas da Liturgia das Horas⁴⁸. Aqui também Mesters deu sua colaboração, dando-se conta de que “*Aos poucos, a leitura e reflexão em comum da Palavra de Deus vai criando um ambiente fraterno... A leitura comum gera ações em comum, gera uma nova consciência de missão no mundo... Nasce assim a Igreja, no sentido mais exato e literal do termo: a convocada pela Palavra a uma missão*”⁴⁹.

Tendo como pano de fundo essa visão, surge o método propriamente dito.

2.4.2. Os passos do método

A metodologia da leitura popular da Bíblia se expressa de forma clara nos círculos bíblicos. Ela se assemelha ao método “Ver – Julgar – Agir”, da

⁴⁷ SCHWANTES, Milton, Caminhos da Teologia Bíblica. In: *Estudos Bíblicos*, nº 24, Petrópolis, Vozes, 1989, p.10.

⁴⁸ Foram feitas muitas edições do *Ofício Divino das Comunidades* pela editora Paulus, podendo ser uma referência a 7ª. edição, revisada e ampliada, de 1994.

⁴⁹ Flor sem defesa, p.105s. cf., a esse respeito, BOFF, L., *Eclesiogênese*, Petrópolis, Vozes, 1987, .38ss.

Ação Católica, e retoma ao mesmo tempo os passos da *Lectio Divina*, conforme o seguinte roteiro:

- a) Após a acolhida inicial e a invocação ao Espírito Santo, faz-se uma “partilha” das experiências do grupo, ou a memória dos fatos que no momento marcam a vida da comunidade⁵⁰.
- b) Em seguida se faz a leitura do texto, prestando atenção a tudo o que é dito (e também não dito), tentando entrar em contato com a comunidade que escreveu o texto. Aqui os roteiros de círculos bíblicos trazem algumas informações sobre o contexto histórico do texto, sua composição e gênero literário, etc., e colocam algumas perguntas para que os leitores e leitoras investiguem o significado do texto.
- c) Num terceiro momento deixa-se espaço para meditação silenciosa, como que “ruminando” o texto e perguntando o que o Espírito nos diz a nós hoje através do texto. É o que Mesters chama “olhar no espelho da Bíblia”. O grupo partilha as descobertas que cada um/a fez nesse sentido.
- d) Por fim, pergunta-se o que o texto lido nos faz falar a Deus - é o momento da oração, que se prolonga na formulação de um compromisso: o que a Palavra lida nos pede colocar em prática. Termina-se com a recitação de um Salmo, um canto e o Pai Nosso.

O método é, portanto, muito simples⁵¹. O que mais importa não é a “técnica” de como realizar um círculo bíblico, mas a *atitude* de partilha, a disposição espiritual de estar atento à manifestação de Deus na vida, por meio da luz de sua Palavra, de modo a poder dizer: “Ele está no meio de nós”.

Com a evolução da sociedade a partir do final do milênio, pode-se perguntar sobre os novos desafios que surgem, pois a globalização e os meios de comunicação alteraram de tal modo a sociedade que mesmo os pobres estão

⁵⁰ É o que se chama “recordação da vida” no Ofício Divino das Comunidades.

⁵¹ Pode-se ver uma abordagem didática do método em: CARDOSO Pereira, Nancy e MESTERS, C., *A leitura popular da bíblia: à procura da moeda perdida*. Série *A Palavra na Vida*, n.73, São Leopoldo, CEBI, 1994.

mudando de perfil. Entre a Conferência de Medellín e a de Aparecida, grandes mudanças se introduziram. O próprio método de leitura popular da Bíblia desdobrou-se conforme foram surgindo novos sujeitos hermenêuticos: mulheres, negros, indígenas, migrantes, etc. E ainda ficam gerações novas de jovens, adolescentes, crianças e tantas outras categorias sociais não contempladas com uma leitura bíblica mais específica, que lhes revele o Deus da Vida.

3. Os desafios do milênio que se inicia

Pensando em termos de América Latina e Caribe, o final do primeiro milênio trouxe o fim das ditaduras militares e o lento controle da inflação, mas a desigualdade se aprofundou. Durante os anos 1990 a concentração de renda se acentuou, com a implantação do projeto néo-liberal em todo o continente. O narcotráfico desencadeou uma violência antes desconhecida e desarticulou muitas das organizações populares. A globalização, acompanhada de seus efeitos – avanço da tecnologia, consumismo, ameaça ecológica, desemprego, fragmentação, influência massificante da mídia – teve seus reflexos no comportamento da população, inclusive no aspecto religioso: cresceu a procura por Igrejas e Religiões ou filosofias que respondessem às necessidades imediatas, sem exigir um espírito crítico, um aprofundamento das questões e o compromisso com a construção do Reino de Deus. O documento de Santo Domingo dedica uma longa parte à descrição e discussão desses desafios (n^{os}. 164-209), que são retomados no Documento de Participação para a V Conferência (cap. IV) e, de modo especial, na *Síntese das Contribuições da Igreja do Brasil à Conferência de Aparecida* (cf. parágrafos 1.5 a 1.8).

Na realidade, a situação que levou os bispos em Medellín a começarem seu documento falando em justiça e paz, ou seja, denunciando a injustiça e a violência, vem se agravando em nosso continente. E com isso, os “rostos” descritos em Puebla (n^o. 31-39) vão se multiplicando e se degradando de forma crescente, numa sociedade de “*apart-heid social*” cada vez mais explícito. Daí a identificação dos pobres com a situação do povo de Israel nos momentos

mais dramáticos de sua história. Daí também a densidade com que são rezados e lidos certos Salmos, as Lamentações, os Profetas, o Êxodo, os livros de Jó, Ester, Judite, os Atos dos Apóstolos, o Apocalipse...

Mas os aspectos positivos também vão aparecendo, “*na medida em que, por exemplo, com a rapidez e fluência dos meios de comunicação, pode levar aos recônditos do planeta a Boa Nova a um número cada vez maior de pessoas (“Ide pregai o Evangelho a todos os povos...”)*, visibilizando a presença do Reino de Deus, numa *Fraternidade Universal*”⁵².

Nesse contexto, a leitura bíblica no meio dos pobres continuou, porém com duas tendências: uma mais carismática e contemplativa, por vezes fundamentalista e pragmática, respondendo a questões íntimas e individuais, ou simplesmente retomando Salmos e hinos de louvor; outra mais profética, voltada para a preocupação com a justiça social, passando de textos selecionados - antes mais ligados ao “Deus Libertador” - para a abordagem de livros inteiros (Gn, Ex, Is 40-55, Jr, Jó, Ct, Mt, Mc, Lc, Jo, At, Cartas paulinas, etc.)⁵³. Tudo isto levou a certos desdobramentos do método de leitura popular da Bíblia.

3.1. Desdobramentos do método

O método de leitura bíblica que leva em conta o “contexto vital” dos leitores e leitoras se diversificou e aprofundou a partir dos novos “rostos” descritos na Conferência de *Puebla* (nº. 20): indígenas, afro-americanos, camponeses, marginalizados urbanos, sub-empregados e desempregados, jovens, crianças, anciãos, etc.. As mulheres evidentemente estão subentendidas, embora não nomeadas, por trás desses rostos descritos⁵⁴, o que fez com que a hermenêutica bíblica feminista e de gênero se desenvolvesse largamente.

⁵² *Síntese das Contribuições da Igreja do Brasil à V Conferência*, item 1.2 a).

⁵³ Ver sobre isso no nosso artigo “Quando os pobres lêem a Bíblia” em *Atualidade Teológica*, 2002, fasc.10, p.111-123.

⁵⁴ A situação das mulheres é evocada em *Puebla* ao tratar dos aspectos culturais, quando se fala das “condições de inferioridade” em que elas se encontram (nº. 29).

3.2. Leitura feminista e de gênero

A questão da emergência e do protagonismo da mulher na sociedade contemporânea é realçada desde a *Pacem in Terris* como “sinal dos tempos”⁵⁵. O Papa João Paulo II escreve uma Carta Apostólica sobre a dignidade da mulher⁵⁶. O documento de *Santo Domingo* dedica os números 104 a 110 à questão das mulheres latino-americanas e caribenhas, propondo denunciar todas as violações de seus direitos, atuar na sua promoção e abrir-lhes espaços de formação e atuação pastoral. O mesmo faz o *Documento de Participação* em vista da V Conferência. A *Síntese das Contribuições da Igreja do Brasil à Conferência de Aparecida* vai mais longe, quando reconhece que “No mundo de hoje, cada vez mais as mulheres vêm tomando consciência de sua dignidade e exigindo igualdade no trato e igualdade de oportunidades. A Igreja não pode ficar insensível a esse novo sinal dos tempos, também em nível interno, pois nela, são os homens os mais privilegiados, que normalmente tomam as decisões. As tendências conservadoras, que rejeitam o pensamento e a participação das mulheres em tarefas de direção e coordenação eclesial, inclusive nas CEBs, não podem inibir a Igreja a gestos proféticos. O acesso das mulheres ao ministério ordenado é uma dívida pendente”⁵⁷.

Na realidade, desde a década de 1980 começaram a surgir mulheres biblistas latino-americanas efetuando uma leitura da Bíblia a partir da mulher e de sua situação de submissão, numa sociedade marcada pelo patriarcalismo e o machismo. O método desenvolvido neste caso usa o mesmo critério e a mesma chave de leitura do método proposto por Mesters, ou seja, o contexto e o olhar de quem sofre opressão ou discriminação e busca na Bíblia apoio e libertação⁵⁸.

⁵⁵ João XXIII, *Pacem in Terris*, AAS 55 (1963) 267-268.

⁵⁶ *Mulieris Dignitatem*, 1988.

⁵⁷ Cf. parágrafo sobre o protagonismo dos leigos e leigas, (3.5. d).

⁵⁸ A Pontifícia Comissão Bíblica, em seu documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*, se refere à “abordagem feminista” reconhecendo seu valor e seus limites. Ver *Documentos Pontifícios* n^o. 260, Vozes, 1994, p. 61-62.

Dentre as teólogas, muitas podem ser indicadas como referência nesse trabalho bíblico⁵⁹.

Outras perspectivas de leitura bíblica popular têm surgido a partir da década de 1990. Assim, a perspectiva afro-descendente na leitura bíblica latino-americana e caribenha, tenta contemplar o olhar de quem sofre discriminação de raça, etnia, cultura e classe social⁶⁰.

Uma leitura a partir dos indígenas também começa a produzir frutos, enriquecida pelo olhar da natureza, dos mitos ancestrais, da sabedoria acumulada pelas diversas culturas⁶¹. Em todas essas situações, a formação e o estudo libertam dos preconceitos e preparam fiéis adultos na fé. Mas resta muito por fazer, pois a realidade evolui com rapidez, trazendo novos desafios, entre eles a questão ecológica, que já vem inspirando uma leitura a partir da terra, das águas, das florestas, do esgotamento das riquezas naturais e seus efeitos sobre a vida humana.

Há, porém alguns estratos sociais aos quais ainda ficamos devendo uma leitura bíblica adequada. Refiro-me aos setores mais marginalizados entre os já excluídos: os criminosos, as pessoas prostituídas por falta de amparo da sociedade, os migrantes desenraizados, os encarcerados... A *Síntese das Contribuições da Igreja do Brasil à Conferência de Aparecida* nomeia alguns fatos nesse sentido, vistos como efeitos da globalização e mazelas históricas: “*A criminalidade aumenta entre os jovens de todas as classes sociais, em especial entre os envolvidos com o tráfico de drogas. Nas favelas, reina o trabalho informal.(...) As migrações são um fenômeno*

⁵⁹ A bibliografia sobre leitura bíblica e hermenêutica feminista e de gênero é imensa. Apenas para uma noção metodológica inicial pode-se ver, de várias autoras, *Hermenêutica feminista e gênero*. Série A *Palavra na Vida*, n. 155-156, São Leopoldo, CEBI, 2000.

⁶⁰ Ver GASS, Ildo B., Soares, Sonia R., Kronbauer, S., *Negra sim, negro sim, como Deus me criou. Leitura da Bíblia na perspectiva da negritude*. São Leopoldo, CEBI, 2006.

⁶¹ Um texto ainda inédito de Tea FRIGÉRIO trata dessa questão: “Leitura bíblica na Amazônia”, apresentado no Seminário sobre a realidade amazônica e as CEBs, em 23 a 25 de janeiro de 2007.

crecente. Já são centenas de milhões os que se movem dentro dos países e para fora deles, em busca de melhores condições de vida. (...) Bradam aos céus as condições degradantes da vida dos presidiários, cada vez mais numerosos, tratados como a escória da sociedade. Os presídios parecem mais universidades do crime do que verdadeiros lugares de recuperação. Na corrupção dos políticos e servidores públicos, o crime organizado encontra um respaldo tácito”⁶².

Diante das situações de conflito e violência, que infelizmente vêm crescendo em nosso Continente, como fazer soar a Palavra de Deus? Ainda neste terreno temos alguns registros e observações de Carlos Mesters.

Sobre a identificação das pessoas com a oração dos Salmos numa situação de violência, Mesters relata um episódio onde o sujeito e intérprete da Bíblia era um grupo de prostitutas: maltratadas e machucadas pela polícia, elas entraram na casa das irmãs vicentinas e pediram a uma delas que rezasse o Salmo 91. *“Enquanto lia o Salmo, as moças comentavam tanto que quase nem deixavam a irmã fazer a leitura. Elas encontravam lá dentro o espelho do que estavam vivendo e sofrendo! No fim da leitura disseram: ‘Agora, irmã, reze de novo, e a gente vai ficar quieta para escutar.’ A irmã fez. No fim, rezou com elas um Pai-Nosso, disseram: ‘Irmã, muito obrigada! A senhora nos ajudou demais!’ A irmã nada mais fez do que ler o salmo e deixar que elas o comentassem...”⁶³.*

No meio dos marginalizados, quem está mais exposto à violência são os próprios marginais, principalmente os menores abandonados, as prostitutas, os mendigos, loucos, bêbados, viciados em tóxico, etc. Eles fazem parte de uma multidão semelhante àquela que acompanhou Jesus e que foi taxada pelos fariseus: *“Esta corja que ignora a leis são uns amaldiçoados!”* (Jo 7,49). Mesters cita muitas vezes essa palavra e outras do gênero (Jo 9,34), para lembrar que Jesus acolheu e até chamou alguns

⁶² Item 1.3.

⁶³ *O rio dos salmos, das nascentes ao mar*, Série *A Palavra na Vida*, n. 9. São Leopoldo, CEBI, 1988, p. 7.

deles para o seguirem, “talvez porque tenha encontrado nestes homens anseios mais ardentes de justiça”⁶⁴.

De fato, muita gente que hoje seria classificada de “marginal” participou do “movimento de Jesus” e comeu à mesa com ele ⁶⁵.

Sensível a esta questão, Mesters retoma a figura bíblica de Sansão (Jz 13-16): personagens lendários como Sansão e Dalila, embora sejam rudes, bandidos, guerrilheiros e fora da lei, representam para o povo um ideal de liberdade e uma esperança. Eles mantêm a porta do futuro aberta. Por isso o povo guarda a sua memória, mesmo reconhecendo seus erros. “A história de Sansão está aí, e é lida até hoje, para nos advertir a não absolutizarmos nossos critérios de avaliação e as nossas idéias sobre o mundo e sobre o plano de Deus.”⁶⁶

Nosso povo pobre, dada a situação de penúria em que vive, mostra-se mais compreensivo em relação aos “marginais”, pois sabe que eles são gerados pela violência tácita do sistema, acrescida da violência policial. Sabe-se que não poucas mulheres participantes de círculos bíblicos e CEBs vêm com extrema preocupação seus filhos ameaçados de entrar para a clandestinidade, o tráfico de drogas e o crime, por falta de outra alternativa para os jovens pobres de nossa sociedade. Ora, isto repercute indiretamente (e muito discretamente, pois o pior sofrimento é calado) na leitura da Bíblia, nas celebrações e nos encontros das Igrejas dos pobres.

Todos esses fatos exigem conversão. Tanto a mística profética como a contemplativa nos chamam a levar para dentro da leitura bíblica os pobres que nos rodeiam⁶⁷. Não só os pobres “bem comportados”, mas também os pecadores para quem Jesus foi enviado ⁶⁸. O pré-conceito e o moralismo têm uma capacidade terrível de distorcer os fatos e criar barreiras. Por isso, Mes-

⁶⁴ *Palavra de Deus na história dos homens*. Vol. 1 p.166.

⁶⁵ A teóloga Efizabeth S. FIORENZA enfatiza esse aspecto em suas obras.

⁶⁶ *Palavra de Deus na história dos homens*, vol.2. p. 97.

⁶⁷ Ver Mesters, C., *A missão do povo que sofre*. Petrópolis, Vozes, 1981, p.120.

⁶⁸ cf. Lc 5, 29-31.

ters previne: “*Não somos nós que distribuimos o dom do Espírito Santo, mas temos o terrível poder de extinguir o Espírito Santo (cf ITs 5,19), de apagar a luz de Deus no coração dos outros e de matar assim a esperança*”⁶⁹.

Por outro lado, uma das tentações das comunidades pobres é o fechamento em si mesmas, por medo de se abrir para uma realidade que aparece como muito “arrasadora”. De fato, a própria tomada de consciência das proporções do problema social contribui para uma sensação de impotência diante das forças históricas. As pessoas são então atraídas por uma postura “intimista”, pela qual deixam para Deus os cuidados com o “macro” e se dedicam apenas à oração e à convivência fraterna dentro de um círculo mais restrito. Outros optam pela política e, às vezes por falta de apoio, vão perdendo aos poucos o vínculo com a comunidade. Daí a importância de a Igreja estar sempre presente lá onde a sociedade reclama por ética e sentido de viver.

Conclusão

Dois marcos delimitam claramente a encarnação de Jesus Cristo entre nós: seu nascimento e sua morte. Por uma opção divina, Jesus nasceu entre os sem-teto. Por uma escolha livre e soberana, Ele morreu entre dois criminosos. E nós, onde estamos encarnando a sua Boa Nova? Se queremos ser “*Discípulos e Missionários de Jesus Cristo para que nEle nossos povos tenham vida*”, temos que seguir seus passos. Entre o nascimento e a morte, Jesus atendeu à multidão abandonada, como “*ovelhas sem pastor*” (Mc 6,34).

Neste momento de grandes desafios, tomamos consciência do papel que a leitura bíblica vem desempenhando no meio dos pobres. Na realidade, ela chega também aos “Sem-Teto” e aos “Sem-Terra”, aos acampados e assentados... E já começa a ser lida ns prisões e nos prostíbulos. Não se sabe bem por que uma grande curiosidade ou inquietação leva as pessoas a lerem a Bíblia, a colocarem questões sobre os personagens bíblicos, sobre

⁶⁹ Palavra de Deus na história dos homens, vol. 2. p. 97s.

a atitude do povo de Israel nos momentos difíceis de sua história, sobre a conduta de Jesus e sua mensagem.

Nas liturgias populares a Bíblia se torna um personagem vivo: ela chega toda enfeitada, com fitas, panos coloridos, flores, trazida por moças ou rapazes que vêm dançando enquanto a assembléia canta e aplaude. A Palavra de Deus é uma companheira de cada dia, lida nas igrejas e nas casas, nos grupos de rua e nas reuniões de jovens, nas escolas e nos hospitais, nas festas e nos funerais...

Espera-se que nossos bispos da América Latina e do Caribe, reunidos em sua V Conferência, confirmem e continuem a dar seu apoio ao trabalho de todas e todos os que se dedicam a tornar percebido, “no meio de nós”, Aquele que é de fato a encarnação viva da Palavra de Deus, e, portanto o verdadeiro “Caminho, Verdade e Vida”.

Résumé

La V Conférence des Evêques de l'Amérique Latine est l'occasion pour revoir les méthodes pastorales de lecture et d'interprétation biblique, surtout parmi les plus pauvres et abandonnés. Le bibliste Carlos Mesters a créé une méthode de lecture biblique populaire qui s'est répandue un peu partout en Amérique Latine. Dans cet article on décrit l'élaboration et les caractéristiques de cette méthode, construite avec et à partir des gens simples du peuple. Le triangle herméneutique, constitué par la Bible, la réalité et la communauté de foi, conditionne ce type d'interprétation de la Bible, qui se développe en plusieurs aspects dans la mesure où les défis du monde actuel font surgir de nouveaux interprètes de la Parole de Dieu.

Tereza Maria Pompéia Cavalcanti

Doutora em Teologia e Licenciada em Psicologia pela PUC-Rio
Professora do Dept.º de Teologia da PUC-Rio